

# PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

## Nova posição

• Na reunião ministerial, Fernando Henrique deixou claro para quem ainda não entendeu: mudou a inflexão do Governo em relação à reforma agrária. Tenta o Governo mitigar o impacto interno da marcha dos sem-terra rumo a Brasília e a repercussão internacional que ela está ganhando. O PSDB, já com raciocínio eleitoral para 1998, também é sócio da nova posição, pela qual brigou. Os aliados conservadores torcem o nariz em silêncio.

— Reforma agrária não é um problema do ministro Raul Jungmann, é um problema de todo o Governo e do país — disse o presidente, exigindo que todos os ministros relacionados com a questão participem do seminário do dia 9 sobre o assunto. Inclusive os da área econômica.

Recordou o presidente que a média de assentamentos no Brasil é de 12 mil por ano. Seu governo fez cem mil em dois anos, mas reconheceu que isso é insuficiente e que o problema não é só assentar. Segundo os participantes, foi da necessidade de avançar na reforma agrária que ele falou com mais ênfase na reunião. O ministro Raul Jungmann já vinha nesta linha. Antes mesmo da marcha dos sem-terra, o Governo constatara, por pesquisas, que o movimento tem apoio popular bem maior do que o suposto.

O PSDB vem se batendo pela correção de rumo e tem motivos. A eleição vem aí, e os tucanos sentem-se sem bandeira

e confundidos com os liberais. Dentre os partidos governistas, só o PSDB pode disputar com a esquerda o emblema da reforma agrária. Um grupo especial criado na bancada já encontrou-se com líderes do MST e com Jungmann. Algumas propostas foram encaminhadas ao ministro e ao presidente. Entre elas, a despartidarização do Incra (com o fim do loteamento de cargos) e a inserção da questão na agenda econômica do Governo.

— Como mera política social, a reforma agrária nunca terá a prioridade necessária — diz o deputado Domingos Leonelli.

Daí a participação dos ministros econômicos na reunião do dia 9. Medidas objetivas devem ser anunciadas antes do dia 17, quando a marcha chega a Brasília. Depois se verá se o discurso de agora é para valer ou só é tática defensiva. Se for para valer, os aliados conservadores do Governo deve botar o pescoço de fora. Por ora, estão só ouvindo.